

As veteranas da prostituição no centro de SP

Por Carolina Garcia - iG São Paulo | 25/09/2013 11:00 - Atualizada às 25/09/2013 11:14

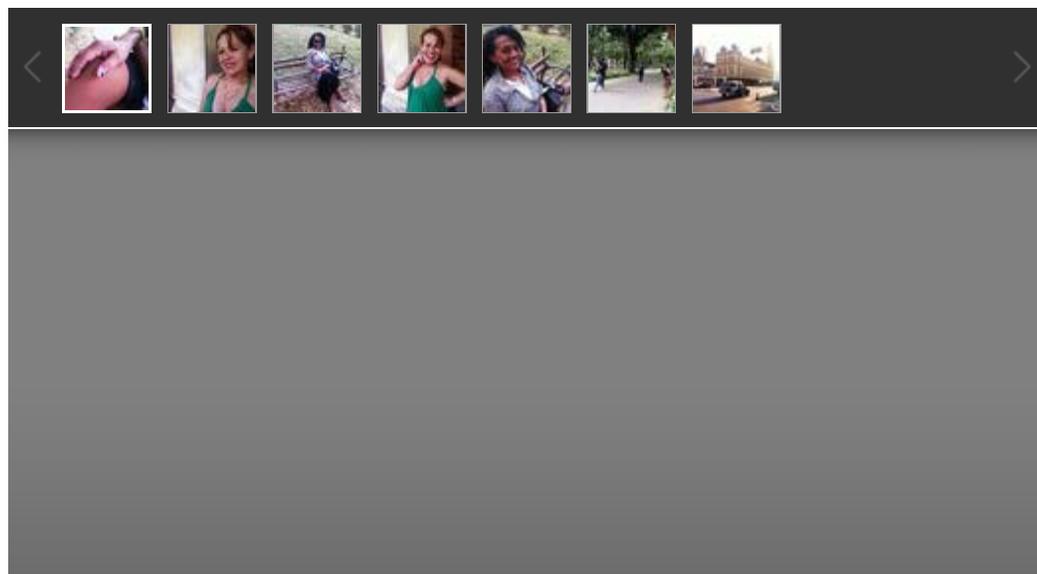
Invisíveis para a sociedade, idosas de até 65 anos estão entre as profissionais do sexo da Estação da Luz

Parte de uma população invisível, prostitutas, travestis e usuários de drogas dividem o centro de São Paulo longe das políticas públicas. À margem da Estação da Luz, famosa pela sua arquitetura europeia, mulheres que 'fazem a vida', como elas definem, são confundidas com passageiras das linhas de metrô e trem que percorrem a estação. As idades das profissionais causam o mesmo espanto que os valores aplicados por elas. Para 30 minutos com Jane, de 60 anos, o cliente desembolsa R\$ 30. "Mas eles nunca passam de 15 [minutos]", explicou a idosa garantindo não dar descontos aos mais 'rapidinhos'.

60% dos homens do Congresso usam prostitutas, diz o deputado Jean Wyllys

Mais: Jean Wyllys ofende Congresso com fala sobre prostituição, dizem colegas

Com a maquiagem carregada e olhos contornados por um lápis preto, Jane não perdeu o sorriso nem quando relatou o abandono que sofreu da filha. "Ela casou e disse que não precisava mais de mim. Me colocou para fora da casa dela. É difícil entender que a mãe criou você desse jeito", justificou. Há quase 45 anos na profissão na região do Brás e Luz, Jane ganhou o "nome de guerra" em seu primeiro programa com um cliente apaixonado pelo filme Tarzan. "Eu tinha 16 anos e ele era doido por aquele filme", disse aos risos.





*Marta, de 60 anos, trabalha há 17 anos como prostituta no parque da Luz, no centro de São Paulo. Foto: Carolina Garcia/iG São Paulo

Assim como Jane, inúmeras mulheres vendem o corpo para sustentar filhos e netos no centro. O motivo que leva à prostituição é repetido por três idosas ouvidas pelo **iG** : a dificuldade de encontrar emprego. A idade avançada, a origem humilde e traumas de violência doméstica construíram um muro entre elas e a sociedade. “Tentei de tudo até ver meus filhos passando fome. Você acha que queria ganhar a vida dando a periquita, benzinho?”, explicou *Marta, de 65 anos, que pediu para não ter o verdadeiro nome divulgado. Sua hora custa R\$ 40, mas pode cair para R\$ 30 se o cliente for conhecido. Ao fechar o programa, as "meninas" seguem para os hotéis da região, que cobram entre R\$ 8 a R\$ 12 por hora.

Leia também:

Obras no Itaquerão viram endereço de exploração sexual infantil em São Paulo
Proposta que regulamenta prostituição no Brasil divide opiniões na Câmara
Flagra: À noite, agenda de prefeitos em Brasília dá lugar a casas de prostituição

Em sua bolsa, Marta leva duas fotos plastificadas da família. “Quando fico triste olho para as fotos e lembro porque estou aqui”. Há 17 anos, ela vai ao parque da Luz todos os dias, das 13h às 21h, mas apenas no ano passado os filhos descobriram a profissão da mãe. “Os amigos dele [do filho mais velho] passaram por aqui e me viram. Um dia depois, ele perguntou: ‘Mãe, você é puta?’. Eu confirmei e ouvi: ‘Achava que a senhora era uma mulher honesta’. Perdi o respeito dele na hora”. Sem roupas escandalosas e com uma meia-calça cor da pele, Marta apenas desabota os dois primeiros botões da blusa quando está pronta para o trabalho.

As mais velhas não têm frescura

“Se com as namoradas eles são certinhos, com a gente eles pedem as loucurinhas”, conta Marta. Entre os clientes de Jane e Marta estão jovens de 18 anos que são atraídos pelo despreendimento e experiência que a



Carolina Garcia/iG São Paulo

Em dia bom, Jane consegue até R\$ 180. "Hoje sou modelo", disse ao posar para foto

idade pode oferecer. "Eles falam que as novinhas são cheias de frescura. Cheias de 'não toca aqui' ou 'não pega ali' e isso afasta eles", contou Jane que recebe a visita de um universitário, de 18 anos, a cada 15 dias.

Engana-se, no entanto, quem acredita que essas mulheres encaram qualquer cliente ou pedido pelo dinheiro. Apesar de oferecer sexo a um preço mais em conta (a R\$ 25/hora), Ivone, de 60, garantiu que não deita com qualquer um. "Sou nojenta demais. Odeio homem fedido". Já Jane não aceita pedidos de

sexo oral. "Só coloco lá embaixo para trabalhar, nada na minha boca". As ouvidas pelo **iG** ainda não dispensam o uso da camisinha apesar dos pedidos incessantes dos homens. E, segundo elas, a avassaladora maioria é casada.

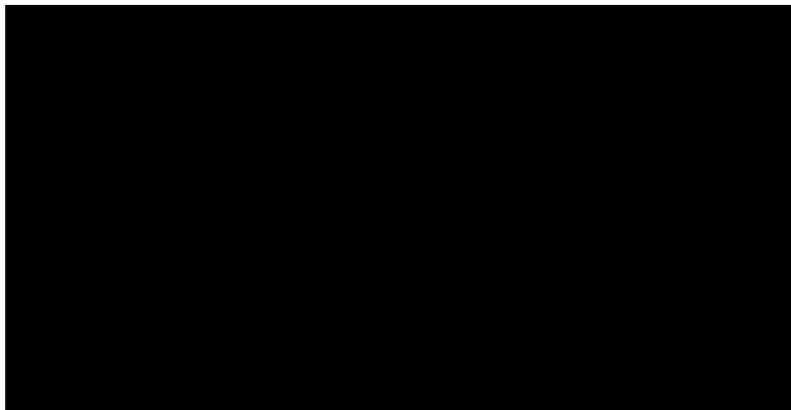
Cultura: HBO aposta em prostitutas marketeiras para alavancar série

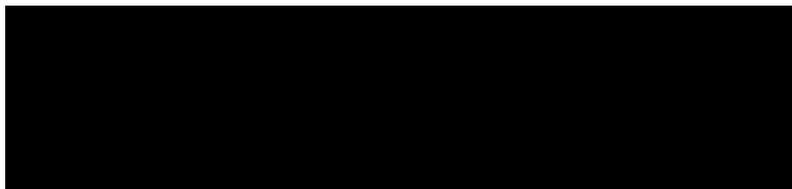
Com francês fluente, Ivone confessou ter saudades dos tempos que passou fora do País. Já sem contato com a família, "que está metade morta e outra metade presa", ela disse economizar para voltar a viver no exterior. "Aqui a puta não tem dignidade nenhuma e é a pior pessoa porque pensam que estamos nisso por falta de vergonha na cara, mas a história é outra".

Longe das políticas públicas

Em 2007, Carolina Markowicz e Joana Galvão decidiram registrar o cotidiano de cinco profissionais idosas no parque da Luz. Oito horas de depoimentos foram resumidos em 20 minutos no curta-metragem 69 – Praça da Luz. "Não pesamos com o drama familiar, queríamos registrar a vida delas com um olhar mais leve, livre de preconceitos", disse Carolina, que atua como publicitária e roteirista.

Assista ao curta 69 - Praça da Luz:





69 - PRAÇA DA LUZ / 69 - LUZ SQUARE **from** carolinamarkowicz **on** Vimeo .

O curta conquistou prêmios brasileiros e internacionais, entre o Festival do Rio, Festival de Havana e exibição no MoMA, em Nova York. “Acho que o filme ganhou projeção porque o tema ainda é pouco debatido pelos órgãos públicos. Falta uma preocupação com essas mulheres”. E Carolina não está errada. A presença de profissionais do sexo nos parques e centro da capital só é acompanhada, segundo elas, por ONGs e grupos religiosos católicos e evangélicos.

Procurada pelo iG, a Secretaria Municipal de Política para Mulheres (SMPM) confirmou que não há ação específica para prostitutas. "A SMPM foi criada neste ano e ainda está implementando ações que busquem melhorias na qualidade de vida das mulheres". Na esfera federal, o cenário é o mesmo. A Secretaria de Política para as Mulheres (SPM), em Brasília, disse por meio de assessoria de imprensa que não tem dados atualizados sobre prostituição no País.